



A Santa Sé

DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II DURANTE O ENCONTRO COM A DELEGAÇÃO DA FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL

Quinta-feira, 9 de Dezembro de 1999

Senhor Presidente

1. Dou-lhe as cordiais boas-vindas aqui, no Palácio Apostólico, juntamente com os delegados da Federação Luterana Mundial. Transcorreram sete anos desde que tive a alegria de receber no Vaticano o seu ilustre predecessor, o Presidente Gottfried Brakemeier. Naquela data festejámos o XXV ano de existência do diálogo entre católicos e luteranos. Cheios de gratidão, pudemos constatar os numerosos e significativos frutos produzidos pelos colóquios bilaterais. A partir do Concílio Vaticano II, católicos e luteranos aproximaram-se de maneira sensível: com a ajuda de Deus conseguimos lentamente e com paciência eliminar as barreiras que nos dividiam. Ao mesmo tempo, fortaleceram-se também os vínculos visíveis de unidade. A relação ecuménica entre os católicos e os luteranos aumentou de modo constante, a nível quer internacional quer nacional. Os sinais de comunhão na fé tornaram-se um bom hábito. A colaboração no âmbito caritativo e social tornou-se mais estreita.

2. Há poucas semanas foi-nos dado um fruto particular do diálogo teológico em Ausburgo, onde se assinou a *Declaração conjunta sobre a doutrina da Justificação pela Fé*: um tema que durante séculos foi uma espécie de símbolo da divisão entre católicos e protestantes. Agradecemos a Deus ter-nos concedido pôr uma pedra miliar no difícil caminho da recomposição da plena unidade entre os cristãos (cf. [*Angelus de 31 de Outubro de 1999*](#)).

O Documento é, sem dúvida, um válido ponto de partida para ulteriores passos ecuménicos. Exorta a conduzir a investigação teológica no âmbito ecuménico e a eliminar os obstáculos que ainda se opõem à comunhão na mesa do Senhor, desejada de maneira tão profunda. Por isso devemos esforçar-nos, unindo as nossas forças, por levar o conteúdo da doutrina, que juntos

elaborámos, às línguas e à vida dos nossos contemporâneos. São precisos bons anunciadores capazes de transmitir a verdade, em fidelidade à própria identidade e por amor do seu interlocutor.

3. Com o olhar dirigido para o mistério da Encarnação do Filho de Deus, chegamos juntos ao limiar do terceiro milénio. "Jesus é verdadeiramente a realidade nova que supera tudo quanto a humanidade pudesse esperar" (*Incarnationis mysterium*, 1).

O seu consentimento à celebração cordial do ano jubilar juntos, aqui em Roma, e em todo o mundo é para mim motivo de grande alegria. Dois pontos da reciprocidade ecuménica merecem uma particular consideração. Recordo, em primeiro lugar, a Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos, por ocasião da qual abrirei a Porta Santa em S. Paulo fora dos Muros. Em segundo lugar, desejaria mencionar a comemoração dos novos mártires cristãos.

Precisamente neste século, atormentado pela violência e pelo terror, o testemunho dos mártires tornou-se significativo em igual medida para os católicos e os luteranos. Ele é "um sinal perene, e hoje particularmente eloquente, da verdade do amor cristão". Os mártires são aqueles que "anunciaram o Evangelho, dando a vida por amor" (*Ibid.*, n. 13). Desta forma, o martírio adquire um significado ecuménico, porque aqueles que crêem em Cristo e estão unidos na longa esteira dos mártires, não podem permanecer divididos (cf. *Ut unum sint*, 1).

4. A festa comum do Grande Jubileu é uma oportunidade para aprofundar o nosso testemunho comum da fé. Precisamente o mundo de hoje deseja que os cristãos se aproximem entre si.

Por esta razão, o calendário do Ano Santo prevê vários encontros a nível ecuménico. Por que percorrer ainda estradas separadas, se já nos encontramos no mesmo caminho? O ano jubilar, enquanto acontecimento espiritual, proporciona aos católicos e aos luteranos várias possibilidades das quais juntos devemos tirar proveito.

As Vésperas ecuménicas, que vivemos por ocasião da elevação de Santa Brígida da Suécia a co-Padroeira da Europa, proporcionaram-nos uma antecipação disso. Naquela ocasião, quando demos graças a Deus com hinos e Salmos, apercebi-me do "espaço espiritual", no qual os cristãos se encontram juntos diante do seu Senhor (cf. *Ibid.*, n. 83). O espaço espiritual comum é maior do que algumas barreiras confessionais que nos dividem no limiar do terceiro milénio. Se os cristãos, apesar das suas divisões, souberem cada vez mais unir-se em oração comum à volta de Cristo, aumentará a sua consciência de quanto é limitado aquilo que os divide em comparação com o que os une (cf. *Ibid.*, n. 22).

Quem está consciente disto, não pode considerar o ecumenismo como mero "apêndice", que se acrescenta à actividade tradicional da Igreja (cf. *Ibid.*, n. 20). A plena unidade é uma finalidade pela qual vale a pena empenhar-se. É um estímulo para a actividade espiritual de toda a Igreja.

5. A propósito destas reflexões cheias de esperança, tenho a certeza de que as boas relações existentes entre a Igreja Católica e a Federação Luterana Mundial lançarão as bases sobre as quais se poderão enfrentar ulteriores diálogos, com a finalidade de encontrar soluções para as questões ainda abertas.

Assim como a oração é a alma da renovação ecuménica e da aspiração pela unidade (cf. *Ibid.*, n. 28), de igual modo o nosso diálogo comum acerca das questões fundamentais da doutrina seja amparado, também no futuro, por uma fervorosa oração nas nossas comunidades. A oração dos fiéis é, por assim dizer, o vento que impele o diálogo ecuménico.

Queira Deus que possamos alcançar imediatamente aquela unidade que é a vontade de Jesus! Esta oração será oferecida pela nossa acção de graças ao Senhor da História. Não devemos olhar apenas para os dois mil anos *depois* de Cristo mas, em vista do ano 2000, proceder também confiantes *com* Cristo rumo ao futuro.

Para a solenidade do nascimento de Jesus Cristo, nosso Senhor ontem, hoje e sempre, desejemos a paz e a bênção do Filho de Deus encarnado!

© Copyright 1999 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana